

Diário de Notícias

"A CE'SAR O QUE E' DE CE'SAR E A DEUS O QUE E' DE DEUS"

PRIMEIRO CADERNO

Ribeirão Preto, Sexta-Feira, 25 de Abril de 1975

Um Jornal a Serviço de Ribeirão Preto e Região

MOREIRA CHAVES

(Do Museu da arte e Academia de Letras)

Mais uma vez, essa ^{vava} artista que é Odila Mestriner, está mostrando fora de São Paulo, o vigor e a beleza expressiva da sua arte inimitável; a convite da Galeria de Arte do Banco Italo-Belga de Porto Alegre (RS), inaugurou no dia 11 de abril fluente, uma exposição individual composta de 21 trabalhos inéditos, sendo 14 pinturas e 7 desenhos, pequena parte das suas ultimas produções incluindo fases várias.

Deve-se ressaltar esta valiosa contribuição da nossa artista na divulgação da sua arte além fronteiras, pois ela leva aquelas longinquas paragens do Sul o nome de Ribeirão Preto, dando-lhe prestígio e notoriedade, ao mesmo tempo que assume as funções de autêntica embaixadora da cultura paulista no Rio Grande do Sul.

Mas acontece que, apesar da larga divulgação feita em nossa cidade pela própria artista, através de atraentes cartazes, que reproduzem com perfeição um dos seus trabalhos geográficos, (e que, não obstante ser uma reprodução mecânica, tem valor de uma gravura pela sua beleza), nossos meios de divulgação, rádio e jornal, simplesmente preferiram silenciar sobre o evento, que representa para Ribeirão Preto uma manifestação cultural de alto gabarito.

Odila ocupa, hoje, um lugar de destaque

Odila Mestriner, embaixadora da nossa arte

no campo das artes do Brasil, e sobre sua personalidade seria supérfluo senão redundante alinhar elogios e referências, dado seu fabuloso currículo artístico, numerosa premiação e citações nas mais importantes publicações especializadas do país e, ainda, escolhida e premiada como "Melhor Desenhista de 1973", pela Associação Paulista de Criticos de Arte, sem, todavia, ter recebido até agora de Ribeirão Preto, sua terra natal, a homenagem que merece.

Ela está entre os artistas que se negaram a renunciar a figuração e não se preocupa com as estereis discussões de grupos e escolas, inteiramente livre de influência, muitas vezes nocivas à criatividade e autenticidade de quem cuida de arte. Odila está, apenas, interessada na realização de sua obra, conduzida com segurança através de linhas, cores, formas e ritmos, imersa no seu sensível e fecundo, buscando a depuração das imagens, refletidas ou repetidas até o infinito, marcando nitidamente a instantaneidade da criação e presa à pauta melódica da sua sinfonia plástica, numa reiteração que propõem versões duma realidade e vivida.

Certamente, a desatenção com que preparam essa altíssima artista, é devido a que

ela não compartilha da superficialidade das manifestações artísticas desta terra (que é a sua), num meio onde uma oposição de seus trabalhos fica nivelada a dos mais insignificantes borradores de telas, pois todos aqui (é um conceito bastante generalizado e um vezo já por demais arraigado), todos são considerados iguais: não há uma avaliação estética, formal ou compositiva. Basta alguém rabiscar uns traços informes num papel ou tela para ser considerado — tudo é igual para todos,

o que é um tremendo mal. Tanto maior, porque disso resulta, lamentavelmente, o incentivo à ignorância estética: o público desaprende em vez de aprender, por mal informado, o que é pior do que não ser informado.

E assim, nossa grande artista sente-se uma estranha, ignorada na sua própria cidade, cidade esta sempre pronta a elevar aos cornos da lua as mediocridades locais ou os canastrões da televisão e do teatro que aqui aportam. Mas, sempre é tempo de se reconsiderar esse "modus faciendi" e dar à maior artista plástica de Ribeirão Preto e, quiçá, do Estado, a consideração e o respeito a que ela faz jus pela legitimidade, valor e significação da sua obra.

artista

1975

1 de

12